

Uma reflexão a partir de Gramsci sobre imprensa

Carla Luciana Silva

Como citar: SILVA, C. L. Uma reflexão a partir de Gramsci sobre imprensa. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 93-96.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p93-96>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Uma reflexão a partir de Gramsci sobre Imprensa

Carla Luciana Silva*

Propomos uma reflexão no campo do marxismo sobre o papel da imprensa e da mídia no processo histórico. Quando falamos em papel queremos indagar sobre a complexidade de agentes que estão presentes nesse objeto, entre outros elementos: o texto; o autor; o destinatário; os anunciantes; os empresários; a sociedade em que o texto é produzido.

Essa questão não tem recebido a atenção devida, especialmente dos historiadores. O debate realizado ao longo dos anos 1980 no campo da comunicação social precisa ser retomado para que se avance no conhecimento sobre o tema e sobre a capacidade de intervenção. Partindo do debate da Teoria Crítica, é necessário trazer novas análises que permitam inserir o objeto mídia / jornalismo no seu todo. É necessário perceber as múltiplas relações que permeiam um jornal: econômicas / empresariais / capitalistas; pedagógicas / ideológicas / hegemônicas; políticas / sociais. O marxismo é o referencial que nos permite pensar sob todos esses aspectos como parte de um mesmo processo, ainda que possam ser analisados separadamente. Mais propriamente faz-se necessário conhecer alguns dos conceitos de Gramsci, que desenvolveu atividade jornalística durante parte de sua vida. E como político, militante comunista, utilizou-se do jornal como arma na luta de classes do lado dos trabalhadores. Daí deriva a concepção de *imprensa como partido*, o que se articula com a de *aparelho privado de hegemonia*.

Das leituras críticas mais difundidas, a concepção da indústria cultural como produtora de mercadorias permitiu avançar com relação à reflexão. Ela permite pensar que a "notícia" não é necessariamente expressão da verdade, mas algo produzido com um fim precípuo, o de ser vendido como qualquer outro produto. O resultado do jornal é vendido pelo preço de capa ao mesmo tempo em que é previamente vendido para os anunciantes. É no campo da recepção que há maiores restrições à tese frankfurtiana, pois a mensagem que é enviada aos leitores não é recebida necessariamente de forma passiva. No entanto, trazer o caráter ideológico do texto produzido (pelo jornalismo, pela publicidade, etc) é um legado inabalável para estudar a imprensa. A ideologia faz parte da compreensão do mundo e, portanto, da sua interpretação pelos sujeitos da própria ideologia. Isso significa que não basta apontar para uma suposta imobilidade do sujeito, como se ele fosse um ser apático na frente de um aparelho de televisão. Aquele discurso que ele recebe faz sentido para ele de alguma forma, ele o aceita por uma série de informações e de desinformações (ocultação, distorções) que o próprio meio midiático produziu e passa a fazer parte da sua capacidade de interagir com sua realidade.

* Doutora em História. Professora Adjunta do Curso de História e do Mestrado em História da UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon. Linha de Pesquisa Estado e Poder. carlalssilva@uol.com.br

Por outro lado, não permite que se faça uma leitura pós-moderna que negaria qualquer efeito de sentido previamente pensado no criador do discurso. Há uma unidade de formação discursiva que vai sendo incorporada de formas distintas às interpretações de mundo dos distintos sujeitos. O sujeito não está criando uma forma de agir no mundo a partir do nada, mas a partir de relações sociais que em alguma medida modifica mas que em outras não se propõe a modificar.

Importante ressaltar que esse debate não se restringe ao campo do jornalismo. Não se trata de uma questão de auto-crítica dos próprios jornalistas e menos ainda de como fazer um jornalismo "menos ruim" ou "mais imparcial" como se vê em alguns espaços de debates, como no Observatório da Imprensa.

O problema abrange toda a sociedade. O jornal, a revista, a televisão, são meios de difusão ideológica mas são também espaços de reprodução de projetos sociais concretos. Os produtores dos discursos são sujeitos reais, posicionados de alguma forma no campo da luta de classes e produzindo seu discurso a partir daí.

É por isso que Gramsci propõe a leitura do jornal (revista, etc), como um verdadeiro partido. Ele chega de forma privilegiada onde outros partidos não logram alcançar, pois possuem o estigma de ser "político", enquanto que o jornal não carrega esse mesmo peso aparente. Os grupos que compõem o corpo editorial do jornal seguem uma linha que é a da empresa jornalística e que se vincula a outras associações de classe.

Ampliar a visão total das formas da dominação não significa excluir a existência de manipulação. Esse é o sentido do pequeno e indispensável trabalho de Perseu Abramo. (ABRAMO, 2003) O texto contribui de forma indiscutível para a compreensão das formas da manipulação usadas pela imprensa: fragmentação, ocultação, inversão, indução. Esse livro enriquece o estudo se vir acompanhado de outros que se referem especificamente às formas discursivas da dominação, contribuições vindas de formas distintas ligadas ao próprio marxismo, como a análise do discurso e a semiótica. (MARIANI, 1998, HERNANDES, 2004)

Os meios de comunicação não refletem a realidade - como se fosse sobre ela um espelho - mas têm algum tipo de relação com a realidade, que acaba por distorcê-la, apresentando outra realidade que passa a ser base para a compreensão do real daqueles que os ouvem/assistem/lêem. Trata-se de uma realidade artificial, irreal, criada e desenvolvida pela imprensa: apresentada no lugar da "realidade real". É uma imagem de outro objeto, que não corresponde ao objeto real (ABRAMO, 24). Isso faz com que o público esteja diante de uma "realidade que não é real", antagônica à realidade. Ou seja, os indivíduos movem-se num mundo que "não existe", mas que foi artificialmente criado para ele justamente a fim de que ele se mova nesse mundo irreal. Portanto, alerta o autor, manipular as informações é uma forma eficiente de manipular a realidade.

Existem padrões claros de manipulação. Eles são uma importante pista metodológica para quem vai utilizar a mídia como fonte histórica. Ressalve-se no entanto que nem sempre a mídia faz isso o tempo todo. Mas é uma "marca a essência do procedimento geral do conjunto da produção cotidiana da imprensa". (25). (ocultação, fragmentação, inversão, indução) A "distorção da realidade pela manipulação da informação é deliberada, tem um significado e um propósito". (42) Não se exclui outro elemento indissociável que é o sentido político da manipulação. Esse sentido expressa a verdadeira ação *partidária* da imprensa, que tem sidomuito mais eficiente do ponto de vista da dominação que os partidos políticos formais.

A partir de Gramsci, percebemos que a atuação programática da imprensa está em relação direta a um programa de ação, vinculada a um projeto político e econômico. A função precípua da imprensa não é, como ela mesmo diz sobre si, estar “a serviço” da população, mas ter uma inserção de forma indissociável do processo de dominação e reprodução do capital: pela criação de visão de mundo, pela busca de convencimento pedagógico, pelos ensinamentos sobre as formas de gerenciar o capital e “pensar como o capital” que a imprensa faz cotidianamente. (SILVA, 2005)

Em que pese a grande imprensa buscar o tempo todo se legitimar como defensora de valores como “democracia”, “liberdade de opinião”, e “quarto poder”, sua ação está sempre em relação com seus próprios interesses, e não com algo difuso como a “sociedade”. (SILVA, 2006) As reflexões de Gramsci permitem avançar com relação à questão da organicidade dos órgãos de imprensa e seu caráter partidário. Ao construir hegemonia, buscar convencimento e criar visão de mundo os jornais (em conjunto com os demais instrumentos de mídia) são um fundamental “instrumento da dominação no final do século XX e início do XXI. Exercem a função educativa, educando para o capital. (NEVES, 2005)

Essas questões precisam ser levadas em conta para a construção de uma nova hegemonia e rompimento com o sistema de dominação vigente. É necessário ainda aprofundarmos a relação da imprensa como parte da sociedade civil e conseqüentemente, espaço de ampliação do Estado (FONTES, 2005). Instrumentos contra-hegemônicos não devem apenas inverter os sinais no sentido de disputar uma “verdade”, mas ser algo que se coloque claramente como parte de um programa de ação.

A filosofia da práxis nos leva para a emergência desse debate, pois o jornalismo, a comunicação, a mídia, têm se colocado como agentes políticos e econômicos concretos e efetivos da reprodução capitalista e da dominação. É necessário Apontamos para a necessidade de abarcar elementos para compreender a totalidade do papel da imprensa e da mídia na reprodução do capitalismo atual. Será o conjunto de todas essas reflexões, embasadas em estudos empíricos, que poderá nos ajudar a traçar as linhas gerais de uma teoria marxista sobre a imprensa.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2003.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo, Boitempo, 1997.
- FONTES, Virginia. *Reflexões (im)pertinentes: história e capitalismo contemporâneo*. Rio de Janeiro, Bom Texto, 2005.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. VI 3. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2002.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. VI. 2. Caderno 24 (1934). Jornalismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.
- HERNANDES, Nilton. *A revista Veja e o discurso do emprego na globalização: uma análise semiótica*. Salvador, Edufba; Maceió, UFAL, 2004.

MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais. 1922-1989*. São Paulo, Revan, 1998.

NEVES, Lucia Maria Wanderley. (Org.) *A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso*. São Paulo, Xamã, 2005.

RAMONET, Ignácio. *A tirania da comunicação*. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1999.

SILVA, Carla. Veja: mais um partido neoliberal. *História e luta de classes*. ADIA, fevereiro de 2006, ed.2.

SILVA, Carla. VEJA: o indispensável partido neoliberal. Tese de Doutorado. UFF, Niterói, 2005.